

# Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 — TELEFONE 59  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO V — N.º 211 — Domingo, 23 de Junho de 1957

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

TIPOGRAFIA SOCORRO

FÁBRICA DE CARIMBOS

são as oficinas gráficas  
que V. Ex.ª deve preferir  
para a confecção dos seus  
impressos e carimbos

Telefone 59 Apartado 3

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

AVENÇA

## ALEGRIAS E TRISTEZAS DE UMA VISITA AO ALGARVE

AVIA cerca de quatro anos que não ia ao Algarve, quando, há algumas semanas, a profissão ali me levou por duas vezes, embora por três ou quatro dias apenas, com breve estacionamento em Faro e rápida passagem por outras localidades importantes da Província; e, se é certo que, durante tão longa ausência — alongada ainda mais pela minha saúde... — nunca perdera o contacto com a terra e a vida algarvias, quer através da família e da nossa Casa Regional em Lisboa, quer sobretudo através dos seus numerosos e bons

jornais, que os respectivos editores amável e generosamente todas as semanas me enviam, em atenção a méritos e serviços que apenas a sua muita amizade pode

Por ANTERO NOBRE

em mim descobrir, — o pouco que me foi possível ver e apreciar, nesta fugidia passagem profissional pelo Algarve, causou-me certa surpresa, imensa alegria e também (porque não dizê-lo?)... alguma tristeza.

A surpresa e a alegria resultaram, naturalmente, de verificar o progresso alcançado por algumas daquelas localidades, sobretudo pela cidade de Faro, a exceder bastante a expectativa mais optimista que era possível ter-se criado no meu espírito, em face das notícias dali recebidas durante anos.

Com efeito, a capital algarvia, a despeito da opinião de uns eternamente insatisfeitos — aliás, por toda parte os há, e a sua existência talvez seja uma fonte de progresso... — que por lá ouvi, desenvolveu-se e alindou-se prodigiosamente nestes últimos quatro anos; poucas capitais de distrito do País (afirmo-o com razoável e actualizado conhecimento directo de todas elas) poderão mostrar um ritmo de crescimento e de aformoseamento idêntico ao

de Faro e talvez nenhuma outra (exceptuando, evidentemente, Porto, Coimbra e Braga...) presente já hoje um tão acentuado «ar» de grande cidade, com «fisionomia» e «vida» tão nítida e caracterizadamente «urbanas» e modernas. Sem dúvida que há lá ainda muito que fazer e aperfeiçoar, para se atingir, se não a perfeição «ideal», ao menos a perfeição «viável», sobretudo no campo urbanístico; mas o que se fez nos últimos anos, comparado

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

## BUROCRACIA de travão...

Depois de uma longa imitação do já famoso comboio de Chelas, fingindo que andava, mas sem andar coisa nenhuma, a empresa proprietária de umas famosas e famigeradas ruínas existentes na Praia da Rocha, deliberou mandar demolir-las, a fim de iniciar, no mesmo local, a construção de um Grande Hotel (uma espécie de lendário D. Sebastião...) — de que é concessionária.

Dando mostras de uma sobriedade notabilíssima, a referida empresa enojou DOIS operários proceder à demolição. (O leitor conhece a monumental quantidade de entulho que lá existe?) E, durante dias, esses dois «titãs» ali foram consumindo energias e picaretas...

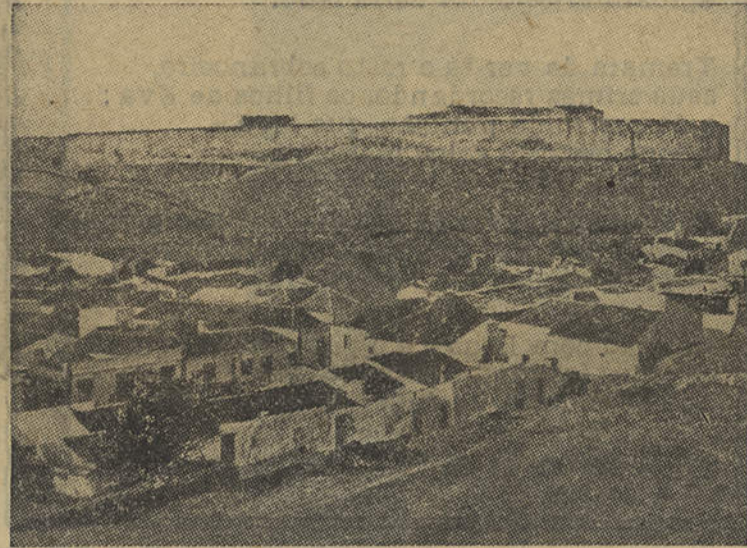
Um belo dia, porém, os dois «titãs» desapareceram. E toda gente pensou, logicamente, que o cansaço os consumira... Afinal, tudo se esclareceu; a «obra» tinha sido embargada por uma entidade oficial. Com que fundamento? Até quando? Eis dois mistérios que preferimos endossar ao bruxo de Nápoles.

Uma coisa, porém, se nos afigura certa: Como a marcha do «comboio» estava a tornar-se «alucinante», houve que «acontecer-lhe um trucidioso... burocrático.

## NOVO PRESIDENTE da Câmara Municipal DE LAGOA

No passado dia 19, pelas 17 horas, no Governo Civil de Faro, realizou-se a cerimónia da posse do sr. arquitecto Ramiro Cândido Cordeiro Laranjo nas funções de presidente da Câmara Municipal de Lagoa.

O acto foi presidido pelo sr. dr. Baptista Coelho, illustre chefe do distrito, e teve a presença de numerosas entidades oficiais de vários pontos do Algarve.



## VAI REALIZAR-SE UM CORTEJO DE OFERENDAS

A FAVOR DA MISERICÓRDIA DE CASTRO MARIM

CASTRO MARIM, seguindo o exemplo do que se faz, com louvável êxito, na maior parte das terras do país, vai organizar um Cortejo de Oferendas a favor do seu Hospital da Misericórdia, numa simpática demonstração de solidariedade humana, deveras digna de ser amparada e acarinhada, por quantos tenham possibilidade de dar-lhe o seu concurso. Encontra-se desde já constituída, para esse fim, uma comissão de que fazem parte os srs. dr. José Afonso Gomes, Padre António Oliveira Henriques, António Costa Esteves, João Segura Viegas e António Moreira Parra.

Para o projectado Cortejo, que deverá realizar-se num futuro próximo, vão

DR. JOSÉ ANTÓNIO MADEIRA

Foi distinguido com um dos graus da Ordem da Instrução Pública, o nosso illustre compatriota sr. dr. José António Madeira, director do Observatório Nacional da Ajuda e cientista distintíssimo.

Pelo merecido galardão, apresentamos ao sr. dr. José António Madeira os nossos cumprimentos de felicitações.

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

ser convidadas individualidades do maior relevo e destaque.

Embora Castro Marim não disponha de indústrias ricas, é lícito esperar que um empreendimento desta natureza, pelos fins que visa, não deixará de mobilizar todas as boas vontades.

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

## MANTA ROTA UMA PRAIA QUE CARREGA DE AMPARO

A COSTA algarvia, é toda ela uma praia enorme, que o mar azul vem beijar mansamente, em caprichosas e dolentes ondas, de rendilhadas espumas.

Deste a pequena e refrescante Praia de Santo António, a costa mantém-se rectilínea, com areais extensos que no Verão são o paraíso dos turistas que nos visitam.

A seguir à cosmopolita e elegante Praia de Monte Gordo, e enquadrada num panorama admirável de hortas e pomares, encontra-se, qual jóia preciosa uma das mais antigas praias do Al-

garve: Praia da Manta Rota.

Esta pequena praia «inter-hortas», toda ladeada de verduras, onde o branco do casario dá uma nota alegre, é das estâncias balneares mais saudáveis de todo o Algarve; o iodo do mar branqueia a pele dos veraneantes e o ar do campo fortifica os pulmões.

Esta magnífica Praia, está situada cerca de 2 quilómetros da Vila Nova de Cacela. Junto à praia, possui um pequeno mas confortável Casino, de linhas modernas, onde se reúnem todas as noites os veraneantes, em intermináveis jogos de canasta, bilhar ou pingue-pongue. Duas a três vezes por semana uma orquestra, anima elegantes bailes.

Na praia os toldos erguem-se em filas policromadas, com um sol excepcionalmente quente, o mar vem espriar-se lentamente na doirada areia; ao fundo os pomares repletos de

(CONTINUA NA 4.ª PAGINA)

## CARTA DE LISBOA

## FESTIVAL DO FUTURO

## NO DIA DE PORTUGAL

NÃO é de estranhar que as comemorações do «Dia de Portugal» tenham tido este ano relevo de primeira grandeza; sobre elas se projectava a luz forte de um acontecimento histórico: a visita ao Brasil do Chefe do Estado Português e toda a consequente, esplendorosa consagração da Comunidade Luso-Brasileira.

Lisboa celebrou, pois como nunca — nem sequer no ano já longínquo do centenário do épico — o dia que é de Portugal por ser o de um Poeta cuja obra, mais do que património da cultura universal, representa, como

a Bíblia ou a Iliada, o imperecível testemunho de um Povo, e cuja vida, abraçada até ao último instante pelo fogo do Génio e da

POR  
ANTÓNIO MARIA ZORRO

Aventura, esquarterada em sofrimento e glória, se tornou timbre da própria maneira de ser desse Povo.

Atapetaram-se de flores as pedras da praça em redor do monumento a Camões e galhardetes brincando ao sol no coração de Lisboa foram como cravos rubros de Santo António

(CONTINUA NA 4.ª PAGINA)

## CARTA PARA UM AMIGO REPUBLICANO

O IDEALISMO fez a República — o materialismo perdeu-a.

Se assim não foi, vejamos: Um grupo de honestos idealistas armou o povo, construiu as barricadas, viveu o 5 de Outubro, implantou a República e viveu as horas grandiloquentes da vitória.

Depois... depois tudo caminhou no rotineirismo egotista que destrói todos os anseios. Como consequência, veio o descalabro e o descrédito.

Os oportunistas, à espreita, lançaram-se ao assalto como cães esfaimados e tomaram de assalto as frágeis posições. Cada um abotoou-se o melhor que pôde, a desconfiança e a insegurança surgiram. Serenaram os ânimos, o idealismo desapareceu, e o materialismo, aquilo que era real e palpável, surgiu a impôr a força da realidade — e com ele o caos.

Em tudo e em todas as doutrinas filosóficas que têm por base o idealismo, assim acontece.

A Revolução Francesa — que modificou radicalmente o mundo — foi um concreto exemplo do nosso ponto de vista. A cada passo vemos tombar por terra o idealismo, a teoria, para prevalecer o materialismo, a prática.

O interesse caminha, sorrateiramente, atrás do ideal. O ideal representa a ingenuidade, o material, os oportunistas. Um desbrava e terraplana o caminho: o outro aproveita a estrada e segue triunfante. Um pensa na comunidade, no bem estar de todos, o

## "NOTÍCIAS DO ALGARVE"

A todas as pessoas que tiveram a amabilidade de enviar-nos cumprimentos de felicitações pela passagem do 4.º aniversário deste jornal, manifestamos os nossos agradecimentos, nomeadamente aos srs. Secretário Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo, e funcionários dos Serviços de Imprensa do Secretariado, e do director da Biblioteca Pública Municipal da Figueira da Foz.

outro pensa apenas em montar casa própria e jungir-se de riqueza e poderio.

Esta triste realidade ultrapassou os homens de 1910. Idealismo significa sonho. E sonhar é estar muito longe das realidades. Ser previdente é prever o que vai acontecer para além do idealismo e procurar colmatar todas as brechas que não se vêem de momento, mas que vão surgir depois.

Uma nação não pode viver de idealismo. Nem uma nação, nem

(CONCLUÍ NA 2.ª PAGINA)

## O ROMANCE DA RIBEIRINHA

PELE do rosto muito branca, cabelos fulvos e olhos esmeraldinos, o nome completo era Maria Pais Ribeiro, filha do general em chefe do rei D. Sancho I, D. Paio Moniz, irmão de Martim Moniz, que morreu entalado na porta do castelo de S. Jorge, para defender Lisboa, filhos de Egas Moniz.

Todos na corte começaram a tratá-la por Ribeirinha galante e os principais fidalgos e poetas da nobreza a requeriam para esposa. Entre eles destacavam-se seus parentes, Pais Soares e seu irmão Pedro Velho de Traveiros, Gomes Lourenço Viegas e João Fernandes de Lima, opolento fidalgo do norte.

Acima de todos, estava o rei D. Sancho I, pela sua realza, cultura da musas e da elegância, que se também apaixonou por ela loucamente, no primeiro dia que lhe trouxeram ao paço.

D. Sancho I, foi dos mais primorosos trovadores da Idade Média, e um dos reis mais guerreiros da nossa história, levando, poucos

anos depois de subir ao trono, em 1189, a guerra aos mouros do Algarve, tomam-lhes Silves e todo o território algarvio, desde Sagres à cidade de Faro, que conservou em seu poder, até que forças mais

PELO  
Major SOUSA NUNES

poderosas pelo número, lho fizeram perder.

Para prevenir a deficiência do número dos seus soldados, repovoou o país desde as províncias das beiras à estrema sul de Estremadura.

Foi enquanto o rei construía a cidade da Guarda, que o seu amor pela Ribeirinha acabou de se inflamar. Ela escrevia-lhe cartas cheias de ternura e de queixumes das suas prolongadas demoras na Guarda e, com as palavras que ela empregava, compôs a seguinte poesia, para ela cantar nas horas amargas da solidão:

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

## Notícias PESSOAIS

### Partidas e Chegadas

Com pouca demora, esteve nesta vila, no passado domingo, o nosso prezado assinante e amigo sr. eng.º Jorge Manuel Freire Medeiros, funcionário superior da Câmara Municipal de Lisboa.

Encontra-se em Lisboa o nosso prezado amigo e assinante sr. dr. José Afonso Gomes, residente em Castro-Marim.

De visita a sua família, encontra-se nesta vila o sr. Damião Carrilho Medeiros, nosso prezado amigo e assinante, residente em Lisboa.

Com pouca demora, esteve nesta vila, tendo já seguido para Lisboa, onde está prestando o serviço militar, o nosso amigo sr. Valentim Bravo, filho do nosso estimado amigo e assinante sr. Manuel Bravo.

Acompanhada de seu esposo, encontra-se nesta vila, em casa de seus pais, a sr.ª D. Bertine Lima Afonso da Silva.

Retirou para Paço de Arcos, depois de estar alguns dias nesta vila de visita a seus pais, o nosso amigo sr. José Afonso C. Castanheira.

Vindos de Braga, encontram-se nesta vila, em gozo de férias, os srs. Desidério Rosa e Vítor Teixeira Marques.

Depois de ter terminado os seus estudos em Lisboa, encontra-se nesta vila, a passar as férias, a menina Maria de Fátima Leiria de Brito, filha do nosso estimado amigo e assinante sr. José de Brito.

Acompanhado de sua esposa, regressou de Espanha o sr. D. Francisco Lopez Tejero, digníssimo chanceler de Espanha nesta vila.

Regressou de Lisboa, onde esteve de visita a seu filho Hugo, a sr.ª D. Berta da Conceição Alves Ribeiro, esposa do nosso prezado assinante e amigo sr. Manuel Ribeiro Alves.

Acompanhada de sua filha, encontra-se nesta vila, em casa de seus pais, a sr.ª D. Delmira Rosa Brito, esposa do nosso prezado assinante sr. Agostinho José Cesário, residente em Lisboa.

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta vila o nosso prezado amigo e assinante sr. dr. António Joaquim de Almeida, digníssimo chefe da Secretaria da Câmara Municipal de Loulé.

Vindos de Paris, onde estiveram de visita a seu filho, sr. António Manuel Marques da Costa Rocheta, que se encontra estudando, chegaram a Lisboa o sr. dr. José Isidro Farrajota Rocheta e sua esposa.

Acompanhada de seu filho, regressou de Lisboa a sr.ª D. Maria Fernanda Gomes Martins Lança, esposa do nosso prezado assinante e amigo sr. Virgílio Antunes Lança.

## UM NOVO CONTRATO COLECTIVO DE TRABALHO

### PARA A INDÚSTRIA DE CONSERVAS DO ALGARVE

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

nuação do mesmo espírito de paz social, entre patrões e operários algarvios, facto tão satisfatoriamente verificado desde há tempos. Acrescentou que só nesse mesmo espírito poderiam ser resolvidas as múltiplas dificuldades que as circunstâncias da vida fazem surgir, o que, evidentemente, não era possível condensar, numa perfeita previsão, em qualquer documento da natureza daquele que acabava de ser assinado.

Também os srs. Mário Ramirez e Mendes Furtado, presidentes, respectivamente, dos Grémios de Olhão e Portimão, referindo-se ao acto realizado manifestaram a sua satisfação pela forma criteriosa como decorreram as negociações para a concretização do referido contrato, apreciando a colaboração dispensada pelo sindicato, o qual, disse-

## AJUSTE DE CONTAS

Recordando o soneto de Antero «Elogio da Morte» (VI)

Nunca temi, sombrio cavaleiro, teu gládio de relâmpago e de treva, e ainda menos, Morte, quando deva aproximar-se o dia derradeiro.

Tremam de ver-te o rosto sobranceiro, seus crimes recordando, os filhos de Eva; e da merecida punição, que leva a seus peitos o golpe justiceiro.

Quem não deve, não teme; e eu, que prontas e em boa ordem sempre tive as contas, julgo ter o meu dia bem vivido.

Em paz com Deus e em paz com toda a gente, os olhos fecharei serenamente na consciência do dever cumprido.

CARDOSO MARTHA

## CARTA PARA UM AMIGO REPUBLICANO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

uma sociedade e muito menos um povo. O idealismo não é construtivo, mas parasitário. Só o materialismo — o pensar-se para além do ideal, pode construir uma vida consciente e rica, capaz de proporcionar o bem estar e o nível de vida pelo qual lutamos. Os estômagos não se alimentam de ideais, mas de comer.

As idéias sofrem um rude golpe quando o estômago está vazio, e não há princípios que possam resistir à fome.

Claro que todos os homens visionam a vida, em cada um habita um ideal, mas a realidade, os problemas absurdos mas gritantes do dia-a-dia, condicionam-lhes todos os anseios e submetem-nos à triste condição da existência do momento breve que a sua vida representa no processamento do universo.

Os ideais podem criar heróis e modificar o mundo, no momento exacto em que se materializam; depois, quando o ideal é ultrapassado pelo material, a animalidade surge e o positivismo leva de vencida tudo quanto encontra na sua frente.

Nos tempos que correm, precisamos de ser realistas, vislumbrar para além do ideal. E vislumbrar para além do ideal, não significará, seguramente, que não tenhamos um ideal — não passa de um farrapo humano quem o não tenha. Ideal, porém, é uma coisa, e inteligência especulativa é outra. Claro que não duvidamos — nem mesmo pomos em dúvida, porque a vemos claramente — da inteligência dos homens idealistas e honrados de 1910. Para além do ideal, deve existir a clarividência que permita concretizar em bases firmes o que foi idealizado. Isto é, dar forma real e valorativa ao que foi sonhado. O materialismo positivo, ou o prescriptor das reacções e consequências, a previsão das antiteses faz parte da sabedoria política e poderá habi-

litar-nos a construir em bases seguras tudo quanto de bom se albergue em nós para o bem estar colectivo.

Pensar em nós, exclusivamente, também não é coisa que tenha real valor em nossos dias. A inteligência de qualquer homem tem outras tantas inteligências semelhantes. Tudo quanto ele idealizou e visionou, já outros o haviam visto antes. Nada mais resta, pois, do que juntar esforços para o engrandecimento mútuo — mas sempre com os olhos postos na realidade, nada de ideais ingénios, que nada podem construir de positivo e duradouro.

José dos Santos Marques

### Atuneiro "RIO ÁGUEDA"

Encontra-se, desde o dia 19 do corrente, no cais comercial desta vila o atuneiro «Rio Águeda», propriedade da conceituada firma «Empresa de Pesca de Aveiro, Lda.»

O citado atuneiro transportava cerca de 360 toneladas de atum congelado, que foi vendido na nossa lota, tendo sido comprador a firma Centeno, Cumbreira & Rodrigues.

Assina e propaga «Notícias do Algarve»



Defendemos a sua saúde!

Os nossos refrigerantes são escrupulosamente feitos, para que possam ser tomados por todas as pessoas — desde a criança ao velho, pelo forte e pelo fraco e a qualquer hora. Na nossa linha de fabrico encontrará o sabor que mais lhe apetecer pois todos lhe agradecerão.

PEÇA-OS

confiadamente porque são da

Fábrica SIMON

Vila Real de Santo António

FUNDADA EM 1913



## PROVINCIA

### TAVIRA

#### Tantos feriados

Na sessão mensal da Câmara de Lisboa foi salientado o caso de contar este ano com feriados nacionais nos dias 10, 13 e 20 de Junho, acrescentando-se que o comércio da capital, com seus pesados encargos e dificuldades, não pode suportar o encerramento das suas portas três vezes, não contando com os domingos, num período de dez dias. O que diremos nós, na província, que lutamos ainda com mais dificuldades que o comércio da capital, que, com mais viabilidade, encontra facilidades de crédito nos estabelecimentos bancários?

#### Outra vez a falta do azeite

Ainda não foi distribuído o contingente mensal atribuído a esta cidade, o que traz alarmada toda a população.

Não se justificam estes atrasos na distribuição, porquanto o depositário local mantém sempre em depósito grandes quantidades de precioso alimento. Chamamos, pois, a atenção de quem de direito no sentido de providenciar para que tais casos se não repitam, mormente num círculo produtor como é o concelho de Tavira.

#### Gorduras

Informados pela Imprensa da capital, verificamos que o toucinho, a banha e o chouriço sofrem baixa de preços. Em face de tal, a Intendência está averiguando quem compron já aqueles géneros com a baixa de preço e mantém o mesmo preço para o público que mantinha antigamente. Aqui por Tavira, essa baixa não apareceu ainda. Certamente se o produto aumentasse, no dia imediato o mesmo aqui aumentava. Não está certo tal procedimento e chamamos a atenção das autoridades respectivas para tal anomalia.

### Santo António

Na véspera e dia do Santo Taurmurgu, na igreja de Santo António, desta cidade, no Largo da Atalaia, realizou-se, como de costume, a festa a este santo português. Houve arraial, missa, fômbola e concertos pela Banda de Tavira. O recinto encontrava-se profusamente iluminado e decorado. — C.

### ODELEITE

#### «Terras da Ordem»

Estes farrapos de terra portuguesa, que sobejamente são conhecidas pelo título que encima a notícia, são, talvez, os únicos que ainda se encontram numa espécie de absolutismo inconsciente. Se o rude montanhês lhe é permitido, lícito ou ilícitamente, declarar e lutar dois anos consecutivos com as agruras do tempo e acidentado do terreno, para conseguir uns grãos para seu sustento e dos seus, não é nada natural que mal se ceifem as escassas palhas, e quando não antes, os senhores pastores, na sua «ignorância» e liberdade de ar livre, autoritariamente penetrem com seus rebanhos nos restolhos, comendo o que fica precisando bastante aos animais de trabalho que revolveram aquelas terras, levando a ousadia de juntar molhos, — e ainda é favor — para mais livremente apascentarem o gado como se fosse em produto de trabalho seu.

Defezas de coisas? Não! E' apenas o anseio de provento material, imediato, que se verifica no dia imediato pelo aumento do leite.

Com os frutos e a lenha dá-se precisamente a mesma coisa. Que entre imediatamente em regime de propriedade privada para sanar, de vez, este estado de coisas. Toque a quem tocar e doa a quem doer, por que a razão é só uma. A César o que é de César. — C.

## Clínica de Santo António

(CASA DE SAÚDE E REPOUSO)

sob a Direcção Clínica do Dr. Albano de Lencastre

Rua Guilherme Gomes Fernandes

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

## AGENDA

### MOVIMENTO DA LOTA

de Vila Real de Santo António De 15 a 21 de Junho:

#### TRAINEIRAS

Raulito . . . . .	308.080\$00
Norte . . . . .	291.200\$00
Ramira . . . . .	240.262\$00
Aldita . . . . .	230.100\$00
Levante . . . . .	196.400\$00
Conceçanita . . . . .	191.620\$00
Rajada . . . . .	187.350\$00
Flor do Guadiana . . . . .	171.580\$00
Agadão . . . . .	168.360\$00
Liberta . . . . .	168.190\$00
Deolinda Rita . . . . .	150.700\$00
Maria Rosa . . . . .	145.760\$00
Malaca . . . . .	144.530\$00
Sul . . . . .	139.500\$00
Pingim . . . . .	137.850\$00
Lagoa Azul . . . . .	116.600\$00
Pérola do Guadiana . . . . .	109.850\$00
Brisa . . . . .	91.800\$00
Fraia do Vau . . . . .	87.413\$00
Infante . . . . .	81.850\$00
Triunfante . . . . .	63.300\$00
Audaz . . . . .	50.300\$00
Mogador . . . . .	10.400\$00
Flor do Sul . . . . .	3.825\$00
Tozé . . . . .	3.080\$00
Clarinha . . . . .	2.610\$00
Total . . . . .	3.492.510\$00

#### Atum da Costa Algarvia

40 Atuns . . . . .	50.258\$30
36 Atuarros . . . . .	30.541\$70
16 Albacoras . . . . .	6.483\$30
Total . . . . .	87.283\$30

#### Atum da costa de Marrocos

De 15 a 21 de Junho

Armação do Cabo Espartel (Tanger) 952 atuns . . . . .	141.844 Kgs.
---	--------------

### Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António De 15 a 21 de Junho:

#### Entrados:

TEMPO, Holandês, de 498 ton., de Mazagão, vazio.
MIRA TERRA, Português, de 562 ton., de Lisboa, vazio.
ROLANDSECK, Alemão, de 1299 ton., de Sevilha, com carga em trânsito.
ARBEDO, Suíço, de 996 ton., de Lisboa, vazio.
MARQUEZ DE LA VIESCA, Espanhol, de 110 ton., de Tanger, com atum.
CALIFA, Marroquino, de 1170 ton., de Lisboa, com carga em trânsito.
RIO ÁGUEDA, atuneiro português, de 838 ton., dos Açores, com atum.
JAIME PEREZ, Espanhol, de 58 ton., de Tanger, com atum.

#### Saídos:

TEMPO, Holandês, para Boness, com minério.
MIRA TERRA, Português, para Lisboa, com minério.
MARQUEZ DE LA VIESCA, Espanhol, para Tanger, vazio.
ROLANDSECK, Alemão, para Bremen e Hamburgo, com cortiça e conservas.
ARBEDO, Suíço, para Génova, com conservas.
CALIFA, Marroquino, para Génova, com conservas.
JAIME PEREZ, Espanhol, para Tanger, vazio.

### FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 22 a 28 de Junho, a Farmácia CARMO, Rua S. João de Brito — Telefone 31.

### GRUPO ONOMÁSTICO

«ANTÓNIO DE PORTUGAL»

Comemorando a passagem do dia 13 de Junho, dia de Sto. António, foi-nos entregue pelo sr. António Carlos de Lucena, sócio e representante daquela simpática instituição, nesta vila, a quantia de 20\$00 para ser entregue a quatro pobres de nome António.

A quantia indicada foi entregue na Junta de Freguesia, que a distribuiu, conforme o solicitado.

Ao grupo onomástico «Antónios de Portugal», o «Notícias do Algarve» agradece, reconhecido.

Simple ou... com água  
Peça em toda a parte...



Prefira a melhor...  
Prefira Kopke

# ALEGRIAS E TRISTEZAS DE UMA VISITA AO ALGARVE

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

com o «estagnamento» ou mesmo com o «abandono» que se verificou durante decênios consecutivos, é muitíssimo e dá esperanças fundadas de que pouco viverá, quem não veja resolvidos os problemas ainda sem solução. A persistência de tantos anos — a que melhor chamaríamos teimosia eficiente — de um dr. José Correia do Nascimento, conseguindo finalmente a construção do belo Palácio da Junta da Província do Algarve, obra de incontestável valor arquitectónico, mas ainda mais valiosa numa cidade que os cataclismos tornaram tão pobrezinha de nobres edifícios; a diligência, operosidade e dedicação por uma Província que nem é sua, de um capitão Marques Loureiro, a que se fica devendo a edificação desse outro não menos belo e até sumptuoso imóvel, que é o novo edifício do Comando Distrital da Polícia de Segurança Pública, e ainda o começo de erecção do Albergue Distrital, que bem merece o imediato auxílio governamental que permita acabá-lo sem demora; a visão e perseverança de todos os que contribuíram para a edificação do Mercado Municipal, sem dúvida o mais amplo e o mais belo de quantos (e são centenas) se têm construído nos últimos anos em Portugal; a iniciativa particular que fez construir um Hotel Aliança (quantos, de norte a sul do País, mesmo nas grandes estâncias turísticas, podem apresentar-se, pelo menos, com tal sumptuosidade exterior?) e os lindos e grandes bairros residenciais de S. Luiz e Santo António, que não sofrem comparados com o que de melhor existe, mesmo em Lisboa — são exemplos que não podem deixar de frutificar, incitando alguns «adormecidos» a porem também os seus méritos e possibilidades ao serviço da cidade, estimulando outros a continuarem com as suas iniciativas e intensificarem as suas actividades, em prol de um cada vez maior desenvolvimento e aformoseamento da capital algarvia.

Mas não foi apenas em Faro que encontrei motivos de alegria; para me não alongar, excedendo os limites naturais deste artigo, direi apenas mais que na minha vila de Olhão, por exemplo, me encantou o moderno e «funcional» edifício do Centro de Assistência, realização de um velho sonho de não poucos e imperiosa necessidade local de todos, o novo edifício da Caixa Geral de Depósitos, que começa a dar «perspectiva» à nobre avenida que é a bela sala de visitas da vila, o «desafrontamento» do seu único jardim, etc., — tudo a revelar que também ali foi possível um «despertar» que embora ainda incipiente, sem dúvida há-de continuar-se em «dia pleno» de actividade intensa e progresso útil.

Não há, todavia, «aleluia» sem «paixão»; e aquelas alegrias e tantas outras, que a visita me proporcionou, tiveram, realmente, a sua contrapartida de tristezas. Resultaram estas, fundamentalmente, de verificar que faltam

ainda no Algarve, mesmo na sua capital, tantas e tantas «coisas», cuja ausência só dificilmente se explicará, sobretudo se compararmos (e eu posso bem fazê-lo, já que a profissão me obriga a «calcurrar» ininterruptamente o País de norte a sul e de leste a oeste...) o que ali falta, com o que já existe em Províncias (e em cidades e vilas e até em aldeias) muitíssimo menos importantes, sob qualquer aspecto, do que o nosso Algarve (e a sua capital e a maioria das suas cidades e vilas). Em resultado desta comparação, não se pode negar que muito se tem feito na região algarvia nos últimos anos e que não são poucos os milhares de contos aí gastos pelo Estado em obras de alto valor e decisiva influência no progresso da nossa terra, obras que vão das dos portos à das barragens e à das escolas, para só falar naquelas de maior influência futura na economia local e na elevação do nível cultural dos «algarves»; mas poucas obras de «apresentação», daquelas que a público «vê com os seus olhos», se têm feito e estas (deixem lá certos senhores chamarem-lhes «obras de fachada») também são precisas, porque, como disse Alguém que sabe sempre o que diz, «em política o que parece é». Sem dúvida que a doca de pesca de Olhão é um melhoramento de cujo valor e alcance social e económico talvez nem os próprios olhanenses, ou pelo menos a sua maioria, se tenham ainda apercebido bem, mas a construção, na sua bela Avenida, do edifício dos correios, porque eles esperam há vinte anos ou mais, daria, sobretudo ao povo menos culto e com certeza, uma noção mais real e «política» do progresso da sua terra; é incontestável que a grandiosa obra de recuperação dos sapais trará benefícios incalculáveis à própria cidade de Faro, mas um tão necessário Palácio da Justiça (benefício de que gozam algumas vilas quase sem categoria...) seria, aos olhos «políticos» dos farenses, um índice bem mais seguro do progresso cidadão; etc., etc.

As minhas tristezas culminaram, porém, já no regresso, quando, num daqueles inesperados «saltos sobre o País», a que a profissão às vezes me obriga, me desloquei directamente de Faro para a Guarda. Em Coimbra, a carruagem em que seguia foi «invadida» por um numeroso grupo de excursionistas franceses, então a caminho da fronteira, depois de haver percorrido o nosso País; gente suficientemente culta para se ter, pelo que deduzi das suas conversas, documentado um pouco sobre Portugal, a sua vida presente e a sua História, e que, uma vez acomodadas as bagagens se entregou à rememoração entusiástica dos dias passados entre nós. Pois a estes franceses, depois de lhes ouvir — antes de saberem que eu os compreendia... — referências ao Algarve capazes de envaidecerem o menos «bairrista» dos algarvios, depois de lhes ouvir chamar maravilhoso ao nosso mar, delicioso ao nosso clima, surpreendente ao

nosso sol, magníficas as nossas praias, belas as nossas cidades e pitorescas as nossas aldeias, depois de os ouvir chamar «o mais belo país do Mundo» ao velho reino do Algarve — ouvi também dizer o pior possível da nossa falta de alojamentos, da falta de «aproveitamento» conveniente das nossas praias, do «abandono» de algumas delas até... E sobretudo ouvi lastimar, com não pouco pasmo do que tinham visto, o «abandono» de Sagres, «pátria do Atlântico», como lhe chamou Augusto de Castro, e a que uma das francesinhas, talvez mais «letrada», chamava a «fantástica terra das caravelas»! Foi nesta altura, até, que me meti na conversa, para tentar «deitar água na fervura» e explicar que tudo ia mudar, pois dias antes haviam estado ali dois Ministros de Estado a estudar a transformação radical do sítio, fazendo dele aquilo que ele há tanto devia ser; que viessem por cá depois de 1960 — centenário do Príncipe Henrique — e decerto não reconheceriam o sítio...!

A minha afirmação, devo dizê-lo, não era apenas «para franceses ouvir», pois sou daqueles que têm fé e confiam na acção do Governo em Sagres. Mas isso não diminuiu a minha tristeza em face dos comentários daqueles estrangeiros; e também a de não poder dizer-lhes que em 1960 veriam ali o grandioso monumento que «O Navegador» merece e a que Sagres tem direito... Porque a verdade é que, se como português disciplinado que me honro de ser, acato as decisões do Governo, que sabe melhor do que eu aquilo que faz, — como algarvio apaixonado da minha província, não posso impedir que o meu sangue «clame» e o coração se me entristeça...

Antero Nobre

## BARGO DE RECREIO

7 metros de comprimento, com cabina, motor de 10 HP. Marítimo, marca NIAGARA

Vende: - Eduardo Arcaujo FARO — Telef. 217

## MANUEL DE SOUSA

SUCESSOR DE Sousa, Cabrita & C.ª, Lda, SILVES-Algarve-Portugal

Rolhas e mais produtos de cortiça natural, tapetes, lã, palmitas, etc.

AMOSTRAS GRÁTIS

Em Vila Real de Santo António, pode dirigir-se ao representante, sr.:

MANUEL F. RIBEIRO ALVES

Rua Teófilo Braga, n.º 8

## VAI REALIZAR-SE UM CORTEJO DE OFERENDAS

a favor da Misericórdia de Castro Marim

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

des do conzelho, devendo caber à Lavoura, a sua maior riqueza, a principal soma na grande demonstração de generosidade colectiva que se espera venha a constituir o projectado Cortejo.

De resto, o Hospital de Castro Marim precisa urgentemente de beneficiar as suas instalações e ampliar a sua actividade assistencial. E, sem o auxílio dos corações generosos, sem a cooperação e a ajuda dos que podem, de qualquer forma, mesmo modestamente, contribuir para esse fim, nunca poderá atingi-lo.

O «Noticias do Algarve» patrocina esta iniciativa — que nos merece, aliás, a mais viva simpatia.

## EXGELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e comércio



TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL

Depositário nesta Vila:

MANUEL DA SILVA DOMINGUES

Avenida da República — Telefone 12

## PARA MOTORES A GASOLINA E A GASOIL



NÃO GASTA OLEO, ECONOMIZA COMBUSTIVEL, DÁ MAIOR RENDIMENTO PORQUE LIBERTA TODA A FORÇA DO MOTOR, MANTENDO-O LIMPO.

Únicos Importadores: A. CONTRERAS, LTD.ª

Rua Rodrigues Sampaio, 142 a 150

Sub-Agente no Norte: Electro Central Vulcanizadora, Ltd.ª

Praça D. João I, 28 — PORTO



## DESPORTO

### FUTEBOL

#### TORNEIO POPULAR

Disputou-se no passado domingo a última jornada da 1.ª volta do «Torneio Popular de Futebol», que decorreu com bastante espectacularidade, tanto da parte das equipas concorrentes como dos espectadores.

Os resultados verificados foram os seguintes:

Hortalense, 2 - Guadiana, 2  
Celeiro, 3 - Beira-Mar, 3

#### HORTALENSE - GUADIANA

Hortalense — José António; J. Serina, Amândio e Ferramacho; António e Armando; Francisco, João, Ilídio, Gonçalves e Sebastião.

Guadiana — Branquinho; J. Viegas, Aguilera e Helder; Oliva e Rosa; Vieira, Salas, Eduardo, Carlos Peres e Pedro.

Jogo com pouca história, tendo podido qualquer das equipas, com um pouco mais de esforço e melhor combinação de jogo, ter ganho a partida.

Ao intervalo, o resultado era de 2-0, favorável ao Guadiana.

O Hortalense desperdiçou uma grande penalidade, a 2 minutos do final, que lhe daria a vitória.

Arbitragem do sr. Firmino.

#### CELEIRO - BEIRA-MAR

Celeiro — Belo; José, Rogério e Raimundo; Joaquim e Salsinha; Nónio II, Nónio I, José Pedro, Barradas e Nica.

Beira-Mar — Trindade; J. Luís, Ismael e Calvino; José António e Araújo; Lopes, Paivo, Bartolomeu, Mário e Luís.

O jogo desenvolveu-se calmo e sem lances de grande improviso; no entanto, ambos os grupos esforçaram-se pela vitória, mas sem resultado.

No primeiro tempo, o Beira-Mar venceu por 3-2, o que fez na segunda parte o Celeiro reagir e converter uma grande penalidade, fixando o resultado final em 3-3.

Arbitro sr. André Roque.

Na passada quinta-feira, realizou-se a 1.ª jornada da segunda volta do «Torneio Popular de Futebol», tendo-se verificado os seguintes resultados:

Hortalense, 1 - Beira-Mar, 4  
Atlético, 1 - Guadiana, 0

#### HORTALENSE - BEIRA-MAR

Hortalense — José António; J. Pereira, Amândio e Ferramacho; António e Armando; Francisco, João, Ilídio, Gonçalves e Sebastião.

Beira-Mar — Trindade; J. Luís, Ismael e Calvino; José António e Araújo; Damião, Paivo, Bartolomeu, Mário e Luís.

Arbitrou o sr. André Roque.

Este jogo foi disputado, durante todo o tempo, com bastante interesse e dinamismo pelas duas equipas, tendo o público aplaudido, por várias vezes, lances de bom futebol.

No primeiro tempo, o resultado era de 1-0, favorável ao Hortalense. Na segunda parte, o Beira-Mar, num jogo bem calculado, conseguiu a vitória, com quatro tentos, por intermédio de Mário.

Este resultado foi magnífico para o Beira-Mar, que, com esta vitória, tornou-se um dos favoritos ao título de campeão.

#### ATLÉTICO - GUADIANA

Atlético — Godinho; Natálio, Vargas e José Maria; Marques e Miguel; Rodrigues, Carlota, Mão de Pilão, Salvador e Palma.

Guadiana — Branquinho; J. Viegas, Aguilera e Helder; Rosa e Oliva; Vieira, Carlos Peres, Cabrita, Salas e Pedro.

Partida equilibrada e resultado justo dos rapazes do Atlético, que tiveram, na verdade, direito ao triunfo, pois foi a sua equipa que melhor futebol praticou.

No entanto, na segunda parte, com um pouco mais de esforço, o Guadiana podia ter igualado, se os seus avançados têm sido mais rápidos e tivessem aproveitado algumas ocasiões favoráveis.

Tento obtido aos 28 minutos da primeira parte, por Carlota.

Arbitrou o sr. José David.



Não deseja os seus filhos com vermelhões nem queimaduras do Sol? Friccione-os, levemente, com QUEIMAX, produto indispensável a todos os Banhistas.

À venda nas Farmácias e Drogarias

Pelo Dr. CRUZ MALPIQUE

FORMA E FUNDO

Valéry dizia que um poema não se faz com emoções, mas com palavras.

Nem só com emoções, nem só com palavras. Com os dois ingredientes ao mesmo tempo. Não basta ter lastro emotivo para que o poema surja como que por milagre. Há que pôr ao seu serviço uma ágil técnica da forma, há que ser senhor da gramática e do dicionário, há que tratar-se tu cá tu lá com a língua em que se houver de exprimir a emoção. Mas também não bastaria possuir técnica consumada, riqueza vocabular, intimidade com o instrumento de expressão. Sem os segredos da forma nada começa, mas só com eles nada termina: há que completá-los com denso fundo emotivo.

FOBIA DA ESCRITA

Sócrates, todos o sabem, não deixou doutrina escrita por seu punho. Assim como há quem deteste a palavra falada — verba volant — a conversa mais ou menos fiada, assim também há quem abomine a escrita. Assim como há indivíduos que nasceram para o remanso do gabinete, onde, em frente do papel em branco e de caneta em punho, se sentem como peixe na água, assim também não falta a quem tenha nascido para a dialéctica viva, flagrante, em tom polémico. Sócrates era desta última estirpe, e o nosso Antero também tinha muito disso. Em carta a João de Deus, exprime-se Antero nestes termos:

«Ainda não escrevi ao jovem filósofo, porque lhe quero escrever uma longa carta crítica, e não sei quando estarei de maré para isso. Cada vez me custa mais e aborrece esta maneira de comunicar o pensamento. Nasci peripatético e declamador e não escreba.»

ALÉM-VIDA

Passamos por este mundo fazendo de conta que a imortalidade não passa de uma fantasia. Ao contrário de Pascal, na aposta célebre, não tomamos partido pelo sim contra o não. E, à sombra da nossa descrença no além-vida, vamos pisando todos os riscos proibidos pela dignidade humana. Mas, se a vida eterna existe,

Heure viendra  
Qui tout paiera

LEITURA — CONVITE

AO ESFORÇO PESSOAL

A leitura, para ser intelectualmente profícua, não deve constituir jejum de espírito. Ler deve implicar sempre, da parte do leitor, o trabalho da reflexão pessoal, e será oiro sobre azul que o leitor redusa a escrito as suas meditações.

Na leitura, há-de o leitor procurar, principalmente, um convite ao pensamento por conta própria, um pretexto para subir em qualidades criadoras. Lettura por leitura, sem mais nada, não passa de disfarçada preguiça intelectual.

# Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

Director  
João A. Dias Pena  
Editor e Proprietário  
Armando R. Cruz

## INSTANTANEOS

Por ODIR GRAÇA **A SORRIR**

Caros amigos, a fotografia, sinal dos tempos de bisbilhotice, traz, passados anos, às nossas vidas recordações subitas, que na maioria das vezes, traduzem-se com um sorriso ingénua e desprotegido de qualquer sintoma letárgico.

Desde pequeno, que a minha maior curiosidade era representada, por um velho álbum de fotografias, velha reliquia da família, onde havida desde senhores de bigodes façanhudos, até páldas donzelas de grandes chapéus e laços de enormes dimensões, não faltando também um tio desportista de chapéu de palhinhas, com um vetusto fato de banho às risquinhas.

Desse álbum, nasceu em mim a velha mania da fotografia, mania que recalca através dos tempos, foi-se metamorfoseando, e veio dar em prosa.

Espero que os meus leitores, tenham a devida complacência para estas minhas linhas, que eu prometo torná-las o mais amenas possíveis, o que quer dizer em linguagem antiga: não vá eu sair de Silas e cair em Carabides.

A leitura para mim, representa uma parte da minha alimentação espiritual diária.

Desde miúdo, que os livros sempre atraíram a minha curiosidade. Eles são, disso tenho a certeza, os nossos melhores amigos, tanto quando a fortuna nos sorri, como nos tempos difíceis. Ajudam a esquecer e algumas vezes a suportar, a fome claro, há lojistas que os compram a bom preço.

Em toda a minha família, o gosto pela literatura é um facto concretizado, por todos aqueles que com nós vivam.

Este «instantâneo» da minha vida, vem a propósito de uma tia que eu tive, e para quem os livros eram os mais íteis amigos.

Morávamos no campo, o que, por conseguinte, obrigava a deslocar-me, todas as semanas, até ao aglomerado populacional mais próximo.

A minha tia, senhora de vasta cultura, e muito experimentada nos diálogos da vida, fazia-me sempre um rol de encomendas.

Certa vez, uma delas, chamou-me a atenção pela sua originalidade, totalmente fora do sentido comum do quotidiano. Dizia na lista:

«Um livro com 8 cm. de altura».

Deveras intrigado, com aquela encomenda, decidi perguntar à minha idosa tia, por que motivo era necessário o livro ter 8 cm. de altura, e se não poderia ter uma espessura qualquer, e qual o nome do autor.

— Qual, menino! Não é necessário o nome do livro ou do autor, eu necessito, mas é de um livro encadernado de 8 cm. de altura, para pôr debaixo do pé da mesa, naquele sítio onde há um buraco!

Verdadeiramente, não há dúvida, os livros sempre foram os melhores amigos de minha tia!...

Com o aparecimento dos tempos quentes, as flores do nosso jardim começaram a perder a sua viçosidade e a alegria das suas cores.

No entanto, a eterna lei das compensações traz, com a chegada do Verão, novas flores, ainda mais viçosas e alegres, que são muito mais apreciadas pelo sexo forte.

Guarda que comer, mas não guardes que fazer! Eis um ditado que não poderá ser aplicado aos cozinheiros.

Instantâneo 6x9  
Imagens diversas:  
Grande Plano: Ele e Ela.  
Ele: Galá descontraído «made in U.S.A.». Ela: 100% ingénua, com um quadrado de adesivo branco na face.

Som: Ele (castigador): Dança? Ela (sorridente): Já estou comprometida!  
Ele (rápido): Está alugada?! Então aconselho-a a tirar os escritos!...

Obs.: Esta fotografia é sonora.

E nela, a chama que arde sem se ver, é de tal temperatura que nem um sorvete a faz arrefecer.

E nele, rapaz novo que nasce para a vida, de tanto olhar para o astro que o ilumina, já comprou óculos escuros.

## MANTA ROTA UMA PRAIA

QUE CARECE DE AMPARO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

frutos, dão um ar bucólico, á vida moderna da praia.

Nada de mais íntimo e encantador, do que a vida balnear na praia da Manta-Rota.

Quando a noite chega, da amena e refrescante esplanada do Casino, o mar parece um espelho enorme, onde se espelham as estrelas, conjuntamente com as luzes dos pequeninos barcos dos pescadores, dando a impressão de uma cidade flutuante.

Manta Rota tem todas as condições para ser uma boa estância balnear, e um óptimo local turístico, apenas lhe é necessário que a Junta de Turismo, coloque junta à Estrada Nacional, placas indicadoras e cartazes de propaganda.

Depois desses melhoramentos, podemos ter a certeza de que a Praia da Manta-Rota, começa a ter a fama e o reconhecimento que lhe é devido

A. de Mendonça

Visado pela Comissão de Censura

## FESTIVAL

DO FUTURO NO DIA DE PORTUGAL

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

que a cidade fizesse florir três dias antes da sua festa; no Palácio da Independência o povo desfilou perante a estátua ali inaugurada e que aos portugueses da Índia se destina: Camões na sua clássica imagem coroada de louros; em sessão solene entregou o Ministro da Educação galardões, merecidos por muitos desses devotos, generosos cabouqueiros da Cultura e da Lusitanidade que são os professores primários; e enquanto em Santarem prosseguia a romagem ao túmulo de Pedro Álvares Cabral—Lusiada que fez luzo o Brasil —por esse País fora, na Beira como em Angola, no Minho como em Timor não tinham conta as cerimónias evocativas do «Dia de Portugal».

Apenas em uma dessas cerimónias não houve discursos, nem se praticou a liturgia nacional da sessão solene, que tem como paramentos o jaquetão e as calças de fantasia; e foi essa,

precisamente, a maior e mais significativa de quantas se realizaram, foi essa a que mais profundamente se gravou, no espírito do público.

Não houve discursos nem era preciso que os houvesse; houve a multidão de cinquenta mil pessoas que enchia as bancadas do Estádio Nacional; houve a apresentação de um grande festival de juventude, em que dois mil rapazes e raparigas encantaram o público, com os seus bailados e canções regionais, com os policromos jogos das classes de ginástica infantil, com os exercícios impeccáveis dos mil jovens ginastas dos liceus de Lisboa; houve o momento impressionante do hastear das bandeiras de Portugal e do Brasil no mesmo mastro de honra, em símbolo de fraterna e juvenil comunhão de destinos futuros; e houve a presença — aclamada em febre de entusiasmo pelo Estádio inteiro — do Doutor Oliveira Salazar.

Tendo a seu lado dois dos homens que neste País mais apaixonadamente têm vivido os problemas e os anseios da gente moça — os dois «Ministros da Juventude» que são o Prof. Marcelo Caetano e o Prof. Leite Pinto — o Presidente do Conselho voltou a encontrar-se com a Mocidade, nesse Dia de Portugal. Encontro sem discursos, encontro de sorrisos; o sorriso de agrado com que Salazar saudou os participantes do festival, na sucessão admirável dos seus diversos números; o sorriso de satisfação com que Marcelo Caetano viu afirmarem-se, uma vez mais, os resultados da obra educativa integral a que deu tão firme, inquebrantável impulso; o sorriso de júbilo e de emoção com que os rapazes e as suas famílias agradeceram a presença eloquente de Salazar.

E tão eloquente essa presença foi, que valeu mais do que todos os discursos que porventura tivessem procurado enaltecer o significado do «Dia de Portugal» e da sua celebração pela gente moça. Tríptico de gratidão, de confiança e de esperança, o Festival da Juventude desenha-se desde agora no átrio da Comunidade Luso-Brasileira com as cores vivas das duas bandeiras irmãs que a ele presidiram e com o perfil embranquecido e venerando do Homem que tornou possível a Comunidade não só de dois Estados, mas de dois Futuros

Souza Nunes

## O ROMANCE DA RIBEIRINHA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

Ai eu cuitada como vivo em grã cuidado por meu amigo que hei alongado! Muito me tarda o meu amigo Guarda.

Ai eu cuitada, como vivo em grã desejo por meu amigo que tarda e não vejo muito me tarda o meu amigo na Guarda

D. Sancho, enviando, casou secretamente com Ribeirinha e recebeu-lhe que a nação inteira achou este casamento insensato, até mostruoso. Dessa união nasceram duas filhas, D. Teresa e D. Constança Sanches e dois filhos varões, Gil Sanches e Rodrigo Sanches.

A Ribeirinha, todos queriam bem, incluindo seu enteado, D. Afonso, que queria mal a quase

toda a gente. Ainda seu pai não tinha acabado de cerrar os olhos, mandou-a chamar e perguntou-lhe.

—Para onde ides morar, mamã, não desejando ficar conosco?

—Vou morar para Vila do Conde, que o rei vosso pai achou para bem conceder-me.

—Não partais sem irdes acompanhada dum poderosa escolta de confiança, comendada por vosso irmão.

Não me parece que alguém me queira fazer mal, mas se assim me aconselhais, assim farei.

Ao passar em Avelãs, no termo da Anadia, saiu-lhe ao encontro Gomes Viegas, tresneto de Egas Monis, um dos seus primeiros namorados, que por ela se apaixonou e nunca a esquecera.

la acompanhado de uma escolta mais potente da que guardava a Ribeirinha.

Ambas tomaram a posição de combate, os comandantes cruzaram também as suas espadas, e, durante instantes, o prélio foi renhido. As crianças foram mandadas afastar do lugar da refrega, e muitos feridos, de um lado e de outro, Gomes Lourenço Viegas, vencedor, tomou a Ribeirinha desmaiada em seus braços, mudou-a para o seu cavalo, e correu com ela para Espanha, onde se julgava mais seguro.

Martim Pais Ribeiro, irmão e chefe de escolta da raptada, como pôde arrastou-se até junto do rei D. Afonso II, a contar-lhe a desgraça que lhe sucedeu no caminho. O rei escreveu imediatamente uma carta a seu cunhado, Afonso XI de Leão e entregou-a a Martim Pais Ribeiro.

Afonso X tinha Ribeirinha por sua madrasta e logo a mandou procurar em seus estados. Foram encontrá-la toda chorosa e doente numa prisão, onde o seu raptor a metera, jurando-lhe que nunca mais viria liberdade, nem os filhos enquanto não consentisse ser sua mulher.

Presos pelas autoridades Leonesas, foram levados à presença do rei de Portugal, que os foi esperar em Castelo Rodrigo, para dizerem da sua justiça.

Assim que chegou à presença do seu rei, atirou-se da água que montava, para o chão e lançou-se a chorar aos pés do soberano dorida, reclamando justiça. Narrou como ele a tomara pela força, a «roussara» enquanto perdera a consciência, a levava depois para fóra de Portugal e a tivera presa, no reino de Leão.

Ouvindo Lourenço Viegas, confirmou quanto ela disse e as suas

boas intenções que eram casar com Ribeirinha, porque fora seu primeiro amor.

D. Afonso II não precisou ouvir mais nada. A ele mandou-o logo ali matar, como a um galo e a ela aconselhou-a a aceitar por marido o homem forte, que a soubesse livrar de futuros maus encontros, dando-lhe por marido João Fernandes de Lima, rico fidalgo do Minho ou da Galiza.

Da filha mais velha, Teresa Sanches, encarregou-se ele também de a casar com Afonso Telo de Menezes, senhor de Albuquerque, da qual nasceram João Afonso Teles de Menezes, e Afonso Teles de Menezes, que acompanhavam seu primo, o Conde de Bolonha na conquista do Algarve aos Mouros. Um foi tronco dos Albuquerque de Portugal, que tomaram a Índia e apaziguaram Moçambique mais tarde, e outro foi tronco dos Teles de Menezes, de que nasceu D. Leonor Teles de Nebezes, porventura mais bonita do que a sua avó Ribeirinha, mas também muito mais infeliz.

Raptada ao seu primeiro marido, fizeram-na rainha à força, e veio a morrer numa obscura prisão, onde a filha e o genro, Reis de Castela, a encerraram, com imenso regosijo dos portugueses.

E' sina da mulher bonita de Portugal ser esposa do primeiro que lhe bater à porta. Aceitando é maluca, recusando é odiosa. Já na própria capital Algarvia sucedeu um caso desses. Quantos livros se não tem escrito agravando a Flor de Altura, e carregando-a de calúnias injuriosas?

Sobre a Ribeirinha, tenho na minha frente uma novela de mentiras de Rebelo da Silva, (O'dio Velho não Cansa) que faz dela uma mulher infernal, de seu irmão o pior dos miseráveis e do seu raptor um mártir!



Edifícios do Matadouro-Frigorífico da Câmara Municipal de Lisboa — nos Olivais

Peçam orçamentos aos nossos serviços técnicos que elucidarão V. Ex.ªs imediatamente sobre o vosso problema

**V. T. MARTINS**

RUA DA PRATA, 59 - 3.º E.

Telef. 23690 LISBOA

## CHALLENGE

A marca que marca em produtos impermeabilizantes. Fabricados pela firma WILLIAM PNIGGS & SONS, de Dundee. 100 anos ao serviço da construção!

90% das construções em Portugal são impermeabilizadas segundo o nosso sistema, iniciado em Portugal há mais de — 30 ANOS. —